

**ESPAÇOS QUE VIGIAM: CORPOS OBEDIENTES E DOUTRINADOS EM MANHÃ
SUBMERSA, DE VIRGÍLIO FERREIRA**
**SPACES THAT GUARD: OBEDIENT BODIES AND INDOCTRINATED IN MANHÃ
SUBMERSA, OF VIRGÍLIO FERREIRA**

Raul Gomes da Silva¹
Prof. Dra. Márcia Rejany Mendonça²

Resumo: Este estudo procura desenvolver uma leitura possível a respeito da representação do espaço em *Manhã Submersa* (1980), obra do escritor português Virgílio Ferreira. Acreditamos que a casa pobre da mãe biológica de Antônio Santos Lopes, personagem-narrador do romance, a casa rica de D. Estefânia, mulher que o adota, e o Seminário, apresentados nesta narrativa são responsáveis por diminuir as potencialidades da infância de Antônio. Isso ocorre, porque tais espaços doutrinam e impõem sobre seu corpo regras e normas religiosas, que são reveladas através de ambientes e atmosferas distintas, colocando em evidência a vigilância do corpo. Os três espaços mencionados são fundamentais na construção da narrativa. Porém, o Seminário é o de maior significação, pois exerce, em relação a casa rica e a pobre, controle e vigilância mais acentuadas sobre o personagem central do romance. Por esse motivo, esta análise centra-se na relação entre o personagem-narrador e o espaço religioso, buscando compreender os efeitos que o Seminário produz no corpo do protagonista.

Palavras-chave: Espaço; Corpo; Vigilância; Obediência.

Abstract: This study seeks to develop another possible reading about the representation of space in *Manhã Submersa* (1980), work of the writer Virgílio Ferreira Portuguese. We believe that the poor house the biological mother of Antônio Santos Lopes, character-narrator of the novel, the rich house of D. Estefânia, woman who takes, and the Seminar, presented in this narrative are responsible for reducing the potential of Antônio childhood. This is because such spaces and indoctrinate impose on your body rules and religious norms, which are revealed through different environments and atmospheres, highlighting the supervision of the body. The three spaces mentioned above are central to the narrative construction. However, the seminar is the greater significance because exercise in respect to house rich and poor control and sharper watch on the central character of the novel. Therefore, this analysis focuses on the relationship between the character-narrator and the religious space, trying to understand the effects that the seminary produces in the protagonist's body.

Keywords: Space; Body; Surveillance; Obedience.

Os estudos em torno da obra de Virgílio Ferreira são diversos tendo em vista que o escritor possui uma extensa produção de romances, ensaios e contos. No caso desta análise, nos atentaremos, especificamente, ao texto ficcional de 1954, *Manhã Submersa*, tendo como fio condutor a categoria do espaço. Este termo é utilizado em diversas áreas do conhecimento. Mas, aqui, interessa-nos as discussões que o conceito de espaço fomenta no campo dos estudos literários. Em especial, na maneira como o espaço ficcional

¹Estudante do 5º semestre do curso de Licenciatura em letras, habilitação em português e espanhol da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus Coxim (UFMS/CPCX). E-mail: raul.avlis@gmail.com

² Doutora em Letras e Linguística (Estudos Literários) pela UFG (2008). Concluiu em 2012 o pós-doutorado do PNPd (CAPES) da Fundação Universidade Federal de Tocantins. É professora adjunta da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus Coxim (UFMS/CPCX). E-mail: marcia.r.mendonca@gmail.com

é construído para estruturar a narrativa e, assim, criar efeitos de representação, ou seja, provocar modos de leitura e apreensão da obra.

Osman Lins (1976) conceitua o espaço na ficção da seguinte forma:

Podemos, apoiados nestas preliminares, dizer que o espaço, no romance, tem sido – ou assim pode entender-se – tudo que, intencionalmente disposto, enquadra a personagem e que, inventariado, tanto pode ser absorvido como acrescentado pela personagem, sucedendo, inclusive, ser construídos por figuras humanas, então coisificadas ou com a sua individualidade tendendo para zero (LINS; 1976, p. 72).

Para Lins, o espaço é uma construção intencional e nada está colocado por acaso na narrativa. Salas, quartos, casas e instituições não são apenas lugares para o desenvolvimento da ação romanesca. O modo como às personagens percebem e se relacionam com estes espaços são determinantes para a criação de sentido no texto literário. Portanto, as percepções e descrições dos espaços em *Manhã Submersa* são fundamentais para pensarmos às formas de vigilância sobre o corpo do personagem-narrador. Não se trata de esgotar o estudo da representação espacial no texto de Virgílio, ou de analisar separadamente este componente ficcional. Interessa-nos, antes, perceber a composição da narrativa por meio deste elemento, para identificar modos de representação das relações sociais que dela e nela se desencadeiam

Analisar a obra a partir da categoria espacial não é uma escolha, mas uma exigência da própria narrativa que mantém, em sua composição, estruturas onde o espaço é visivelmente priorizado, sobretudo se nos atentarmos ao protagonista Antônio e às formas de relacionamento deste com as instituições sociais (família, igreja) às quais está intimamente vinculado. Nesse sentido, empreende-se uma análise que atenta-se às relações entre sujeito e espaço narrativo, para, então, identificar as significações que se manifestam aí, no encontro destes signos.

Manhã Submersa é uma narrativa de cunho autobiográfico, cujo narrador, Antônio Santos Lopes, é o personagem central do romance. Também conhecido como Borrvalho, codinome que não só o identifica, “porque o nome também é a nossa pessoa” (p.17), mas a todo o seu grupo familiar. Quando este codinome surge pelas linhas do texto, o narrador, de alguma forma, acaba por revelar a baixa posição social de sua família.

De origem humilde, o menino é rapidamente adotado por D. Estefânia, uma mulher abastada, viúva e severa, que se apropria do garoto apenas para enviá-lo ao Seminário e pôr sobre a criança, a função de comungar e interceder a Deus por sua família. Na casa rica, a educação dada a Antônio é no sentido de fazê-lo obediente às imposições da mãe adotiva. Se, por um lado, o personagem tem de tornar-se obediente e enquadrar-se às

hierarquias da casa rica, submetendo-se aos discursos de coerção de D. Estefânia, por outro, também precisa cumprir com as exigências do regulamento interno do Seminário. Dessa forma, a criança acaba por viver em espaços que ditam certos tipos de comportamento, o que resultará com a doutrinação e a vigilância de seu corpo seja pelo espaço familiar ou religioso.

A partir das experiências vividas nesses espaços é que o protagonista faz um relato do seu dia a dia, “apanhando aqui e ali a linha de [sua] história” (FERREIRA; 1980, p.123), recordando os fragmentos desse cabedal infinito que é a memória. Memórias estas que encontram-se fincadas no período em que esteve no Seminário, e em sua relação com as regras e disciplinas que este espaço institui sobre seu corpo e sobre os corpos dos meninos que, em sua maioria, estão ali não por escolha própria, mas por imposição dos familiares. Em uma conversa com o amigo Gama, o personagem deixa isso bem claro: “– não, Gama, não gosto do Seminário. – nem eu – clamou ele logo, num desaforo. Mas, subitamente triste, declarou que a mãe dele o queria fazer padre – era assim” (FERREIRA; 1980, p. 67). Era assim que se tornava seminarista, por imposição.

Se a mãe de Gama o queria padre, com a mãe adotiva de Antônio não é diferente: D. Estefânia impõe uma vocação que a criança não possui. Tornar-se padre é uma obrigatoriedade e não uma decisão tomada livremente. Ao ouvir a criança dizer em alto e bom tom, que não possui chamado algum para o sacerdócio, a mulher reage ferozmente: “– desgraçado! Que destino será o teu, miserável! [...] pois se não tem vocação, rua! Vá lá para a fome dos Borralhos! Vá comer palha! Aqui nem mais uma hora! Rua! (FERREIRA; 1980 pp. 94,95). A situação em que Antônio está submerso, obriga-o a viver sob a força das palavras da mulher, sobretudo se levamos em consideração que o menino é pobre e que D. Estefânia acaba por tornar-se um meio de manter a família Borralho em condições mais confortáveis, mesmo que de forma mínima. É esse o motivo que faz o protagonista repensar o que disse e aceitar, ainda insatisfeito, a vida religiosa.

Mesmo em obediência a mulher, o menino não recebe o mesmo tratamento dado aos filhos da senhora, ele faz as refeições separado dos demais. Seu quarto fica nos fundos do casarão, próximo à cozinha. O trecho a seguir ilustra bem a separação do dos personagens no espaço:

Morava ela num casarão antigo junto do adro da igreja, a um canto da povoação. Um longo e escuro corredor serpeando aos altos e baixos pela casa toda, levava até ao meu quarto, que ficava junto à cozinha. Era um quarto pequeno, pintado de amarelo, com uma janela de grades, rente ao chão, voltada para o grande quintal arborizado. [...] D. Estefânia, que vigiava os meus atos, de mãos dadas à frente, terminando o interrogatório, mandou-

me enfim jantar: - Comes, este ano ainda na cozinha. Para o próximo ano comerás conosco (FERREIRA; 1980, p.72).

No fragmento acima, podemos perceber que a criança possui limitações espaciais na casa em que habita. O quarto de Antônio fica nos fundos da casa, é pequeno e possui uma janela com grades. Estas características servem para ressaltar a limitação espacial e o aprisionamento do corpo do personagem, que faz as refeições sozinho e que ocupa um lugar diferente dos filhos de D. Estefânia. Esta, vigia o comportamento do menino para torná-lo mais conforme os doutrinamentos religiosos, pois a casa rica funciona como uma preparação da criança para o ingresso no Seminário e, após o ingresso, nos períodos de férias, a casa também figura como uma extensão das normas sacras, que sob o olhar atento da senhora rica, controla e determina formas de obediência: “e ali ia, afinal outra vez, entregue à disciplina de D. Estefânia (FERREIRA; 1980, p.71).

Enquanto a Antônio é imposto o exercício da fé, da orientação religiosa, Alberto, o filho mais velho de D. Estefânia, cursa medicina em Coimbra. O estudante tem liberdade de escolha, e sua vida é regada por vícios e mulheres. Diferente do quarto de Antônio que revela suas limitações, o de Alberto nos mostra o oposto: “o quarto do Dr. Alberto freme de devassidão em fúria. Vem de Coimbra uma memória densa de vício, mulheres pintadas, nuas e brancas” (FERREIRA; 1980, p. 154). Alberto tem direito ao exercício dos prazeres do corpo, de sua sexualidade. Antônio é proibido de estar sozinho com os próprios pensamentos e, como veremos, de explorar sua sexualidade quando esta se manifesta, na adolescência. A casa da mãe adotiva, com suas distribuições espaciais acaba por diminuir os comportamentos inerentes ao menino.

A doutrinação da criança resultará numa infância cerceada. A criança tem suas potências diminuídas pelo adulto, ela é um pré-adulto, um corpo inconforme e em constante correção. Mas ser criança é, antes de mais nada, explorar os diversos caminhos da aprendizagem, é deixar performar o corpo, é experimentar o novo, é explorar cores, é pintar suas próprias experiências, é envolver-se em ambientes de liberdade. Antônio é um corpo abjeto, em constante correção. D. Estefânia é um dos adultos que diminui as forças do menino. É quem o submete a espaços de vigilância.

Em *Manhã Submersa* o leitor é conduzido à observação minuciosa da vida de Antônio. É o narrador-protagonista que nos mostra, no primeiro parágrafo do texto, o rompimento de seu destino:

Tomei o comboio na estação de Castanheiras, depois que o Calhau deixou de me abraçar. Foi ele que me trouxe no carro de bois de D. Estefânia, em cuja casa, como se sabe, me talharam o destino. Minha mãe veio ainda à igreja, pela madrugada, ver-me partir; mas sentindo-me tão distante como

se eu fosse preso, como se eu já pertencesse a um mundo que não era o seu – mal me falou (FERREIRA; 1980, p. 11).

Diferente do que assinalou Bachelard n'A poética do Espaço (2008), ao afirmar que “a casa é um corpo de imagens que dão ao homem razões ou ilusões de estabilidade”³, para o personagem, a casa de D. Estefânia, lhe traz recordações negativas e o faz reviver espaços de instabilidade, pois este lugar comporta as memórias de um destino interrompido.

Se Bachelard nos mostra, por meio da fenomenologia do espaço, os estudos acerca da toponálise, ao dizer que este é “o estudo psicológico sistemático dos locais de nossa vida íntima”⁴, e que estes locais de intimidade revelam, por meio da lembrança, imagens de felicidade e de proteção, em *Manhã Submersa*, o narrador nos diz o contrário: a casa da infância, a sua casa, é o lugar de desamparo, da infelicidade, das memórias negativas. Portanto, a casa da infância de Borralho deixa de ser o espaço acolhedor, e torna-se a casa do exílio. Xavier (2012, p. 72) assinala que a casa exílio é habitada pelos personagens “condenados pelas leis sociais”, é a casa de onde o personagem deseja partir, pois nela não há acolhimento.

A casa da mãe biológica de Antônio é apresentada como a casa pobre e humilde. A família é carente do ponto de vista financeiro. Para a mãe, o menino deve ingressar no Seminário e seguir os desígnios religiosos, pois acredita que ao padre não faltará comida e meios de ajudar aos que precisam, como seus irmãos, por exemplo. Assim nos diz a mãe da criança: “toda a minha vida tenho sido uma cadela de fome e de trabalho. Se fosses padre, poderia passar uma velhice boa. E os teus irmãos tinham um encosto (FERREIRA; 1980, p.185)”. Podemos observar que a mãe biológica também compactua com a formação de seminarista do menino, e que tal desejo não está relacionado com a fé ou algo sagrado. Ser padre, neste caso, equivale a resolução de problemas de ordem financeira e, nesse sentido, podemos notar que a igreja possui, ainda, poderes econômicos que a torna uma instituição possível para a resolução dos problemas econômicos dos sujeitos menos favorecidos socialmente.

Para marcar o lugar social de Antônio, o narrador utiliza alguns métodos ficcionais que auxiliam à composição do personagem, a ambientação é um deles. De acordo com Osman Lins (1976, p. 77), a ambientação é um recurso utilizado pelo ficcionista para provocar, no texto, a “noção de determinado ambiente”, e ao estudar uma personagem deve-se observar “os meios, os processos, a técnica empregada pelo ficcionista no sentido

³ BACHELARD; 2008, p.36

⁴ *Ibidem*, p.28

de dar existência à personagem”. A partir dessas informações, podemos observar que, o narrador de *Manhã submersa* revela uma ambientação que serve para ressaltar as características de determinado espaço, e também para compor próprio o personagem. O casarão da mãe adotiva, por exemplo, está localizado próximo a igreja da aldeia. Este fator é relevante na medida em que serve para destacar a relação do protagonista com a religião. O trecho a seguir exemplifica isso:

Todo o casarão arfava largamente, em silêncio. D. Estefânia esperava-me no escuro da porta, já pronta, de mantilha, terço e livro de orações. E, mandando-me ir à sua frente, fiscalizando-me detrás, atravessamos ambos o adro para a igreja. Num céu de pedra, as estrelas reluziam ainda, duramente, como estilhaços de vidro num alto muro inacessível...” (FERREIRA; 1980, p. 74).

O silêncio da casa, o escuro da porta, percebidos e revelados pelo personagem, contribuem para ressaltar a sujeição muda do protagonista à fiscalização da mulher. Do mesmo modo acontece com a imagem que se apreende posteriormente: o céu mantém-se pedrado, e as estrelas, se ainda reluzem são para mostrar a dureza e a inacessibilidade da mãe adotiva.

Em relação a casa da mãe biológica, não há muitas imagens narrativas deste espaço. Há, porém, um fragmento da obra em que é apresentado os integrantes do núcleo familiar do protagonista. É por meio desta apresentação que podemos inferir alguns elementos espaciais que acabam por evidenciar o lugar social e econômico da família:

E, imediatamente, minha mãe atirou um berro contra meu irmão Joaquim para que ele me cedesse o banco em que se sentava. Como para lhe apagar a sua presença pobre, limpou-o ao avental e serviu-me com um sorriso humilde. Depois voltou-se para o meu tio e insultou-o por ele comer de boina na cabeça. E à minha irmã, que dividia o pão por todos, forçou-a a lavar as mãos para que eu visse que as lavava. Quando por fim tudo atingiu a perfeição, caiu de novo entre nós um pedregulho de silêncio (FERREIRA; 1980, p. 78).

Antônio, por um instante, foge do olhar de D. Estefânia e vai parar na casa da mãe biológica. Ao entrar na casa depara-se com todos à mesa. A mãe tenta mostrar ao filho um comportamento que a família não possui. Nesse momento, alguns elementos acabam por ser evidenciados, como a falta de assento, o uso do avental, o sorriso humilde da mãe, o tio de boina, a divisão do pão e a lavagem das mãos da irmã como que para mostrar bons modos. Esses fatores, juntos, compõe o ambiente humilde da casa, pois são recursos que acabam por ressaltar o lugar social da família. Nesse sentido, ao observarmos a construção da ambientação espacial das duas casas, percebemos que ambas revelam características do ser do personagem-protagonista, e que se D. Estefânia mantém-se severa nas formas

disciplinares do menino, a mãe biológica, com tudo que há de humilde e de desfavorecimento econômico e social, contribuem à formação religiosa da criança. A primeira para realizar suas vontades particulares, a segunda, para assegurar o mínimo de dignidade à família humilde.

Antônio tem de obedecer ao discurso disciplinar da mãe adotiva e levar em consideração o desfavorecimento econômico da mãe biológica. Fazer isso equivale a submeter-se à doutrinação religiosa, aceitando o ônus que advém desta submissão: a perda dos prazeres próprios às crianças, pois no Seminário o menino deve esquecer as performances comuns aos corpos infantis e vestir-se com as regras da instituição: “mas, em quaisquer circunstâncias, havia sempre, nos meus olhos, um adeus infeliz para os caminhos da serra, para o cadáver da minha infância” (FERREIRA; 1980, p. 90). A infância do menino está morta, é um cadáver que ficou para trás, na serra de Castanheiras.

Na estação Castanheiras, Borralho deixa a aldeia para ingressar no Seminário. É neste espaço que Antônio sente-se deslocado e inconforme com o regimento interno da instituição. Uma vez que nunca desejou ser padre, por não ter vocação ou não ter sido escolhido, o personagem vive uma relação de conflito com as regras do espaço físico e simbólico do Seminário, que colhe de seu corpo comportamentos de obediência a partir das relações de poder e das formas disciplinares que ali se estabelecem.

O Seminário representa a prisão do corpo, as experiências perdidas, as que poderiam ter sido, mas que foram interrompidas: “porque eu desejaria proclamar precisamente que o Seminário era uma prisão” (FERREIRA; 1980, p. 66). O espaço religioso funciona como uma espécie de aprisionamento. Ele é também uma escola que impõe certos tipos de comportamentos, de sujeição.

No Seminário, as experiências do menino tornam-se tristes e negativas. Elas são reveladas por meio de ambientações fechadas, escuras e sombrias, que servem para destacar o sentimento de tristeza da criança inconformada com o ofício de “futuro ministro de Deus”. O personagem nos mostra seu grito mudo: “quieto um momento, no longo pavor da noite, olhei do fundo da minha solidão a mole enorme do edifício e arranquei para a minha aldeia distante um grito de dor tão profundo que só eu ouvi” (FERREIRA; 1980, p. 20).

O fragmento do texto de Virgílio citado acima, caracteriza-se como uma ambientação *dissimulada*⁵, pois o Seminário surge como um ambiente de desamparo, hostil e adverso.

⁵ A ambientação dissimulada exige a personagem ativa: o que a identifica é um enlace entre o espaço e a ambientação. Os atos da personagem vão fazendo surgir o que a cerca, como se o espaço nascesse dos seus próprios gestos (LINS; 1976, pp. 83, 84).

Isso pode ser percebido pelo modo como o personagem-narrador faz surgir de seus atos, uma ambientação que revela seus próprios sentimentos, estabelecendo, assim, uma relação direta entre o espaço e suas subjetividades. Dessa forma, a construção da ambientação do espaço religioso é feita no sentido de evidenciar a prisão e o isolamento de Antônio que, mesmo rodeado por duzentos seminaristas, vive em constante solidão.

Além dos duzentos seminaristas, há na instituição religiosa, que também funciona como uma instituição escolar, uma extensa leva de padres, regras, um reitor e um regimento interno a ser estritamente seguido. Esse conjunto de hierarquias tem como objetivo estabelecer o controle dos corpos infantis, doutrina-los e domesticá-los conforme o discurso que se desprende da instituição. O Seminário é apresentado como o espaço da vigilância e obediência às normas religiosas: “em frente, no púlpito de vigilância, o prefeito, imobilizado, rezava no seu breviário. A toda a minha volta, para diante, para trás, vagas de seminaristas e mais seminaristas, mudos, submissos, numa espera absoluta” (FERREIRA; 1980, p. 46). Neste fragmento, o narrador não apresenta uma atmosfera sagrada que geralmente se apreende do adro de um espaço religioso, mas antes, revela um púlpito que funciona como uma espécie de vigilante. Seguindo a mesma perspectiva, estão os seminaristas, que não aparecem como sacerdotes devotos da fé e em acordo com os regimentos sagrados, nota-se corpos mudos e em constante submissão.

No Seminário, os meninos são separados conforme a idade e o nível escolar. O lugar é distribuído com a primeira, a segunda e a terceira divisão. Antônio, por ser mais novo que os demais colegas, ocupa à última delas. A distribuição dos indivíduos no espaço, como bem assinalou Foucault (1987) é relevante na medida em que serve como um procedimento disciplinar, pois dessa forma, torna-se mais fácil “saber onde e como encontrar os indivíduos, instaurar as comunicações úteis, interromper as outras, poder a cada instante vigiar o comportamento de cada um, apreciá-lo, sancioná-lo, mediar as qualidades e os méritos” (Foucault; 1987, p. 131). Cada seminarista possui demarcações espaciais que limitam seu corpo, que impõe formas disciplinares, tipos de obediência e punição. Instituiu-se por meio do espaço uma política de coerção e de controle dos movimentos dos corpos, que encontram-se “alinhados, como em formação de guerra” (Ferreira; 1980, p. 141).

O Seminário não figura apenas como um lugar estático no tempo, ele é parte integrante e essencial na construção da narrativa de Virgílio, pois compõe o personagem e também faz pressão sobre ele, é o que nos mostra o fragmento a seguir:

Lentamente, o casarão foi rodando com a curva da estrada, espiando-nos do alto de sua quietude lóbrega pelos cem olhos das janelas. Até que,

chegados à larga boca do portão, nos tragou a todos imediatamente, cerrando as mandíbulas logo atrás (FERREIRA; 1980, p. 21).

Se observarmos essa descrição, podemos constatar que a percepção do personagem a respeito do Seminário, revela, não a atmosfera de um ambiente sagrado, mas nos mostra um ambiente de espionamento, pois as janelas tornam-se olhos que observam e os portões transformam-se em bocas que devoram às personagens. As Janelas, portas e portões, além compor à ambientação do espaço, também servem para ressaltar a relação de tensão entre o seminarista e a instituição: “e só então me lembrei do olho aberto em cada porta do salão, que lá do fundo, constantemente, nos espiava o comportamento” (Ferreira; 1980, p. 47). Os fragmentos do texto nos leva a compreensão de que o seminário representa a vigilância do comportamento dos “futuros ministros de Deus” (FERREIRA; 1980, p.44). O espaço portanto age diretamente sobre estes corpos, controlando suas condutas e formando suas subjetividades.

Ao analisar as descrições do espaço, devemos observar seus processos de significação no interior do texto. O modo como o narrador dá organicidade à narrativa deve ser tomado em consideração, pois os recursos utilizados na composição ficcional criam efeitos sobre o leitor. Antônio Dimas (1985) em estudo do ensaio *Narrar ou descrever*, de Lukács (1965), destaca que é preciso estar atento a descrição, e que se ela “não exprime as relações orgânicas entre os homens e o mundo exterior, as coisas, as formas naturais e as instituições sociais [...] tornam-se vazias e destituídas de conteúdo (Lukács, p. 58, apud Dimas, p. 43). Em *Manhã Submersa*, as descrições espaciais são feitas não de maneira inconsequente. Elas são construídas minuciosamente para revelar as formas de vigilância dos seminaristas, o modo como esses indivíduos percebem e se relacionam com o espaço, com as disciplinas, hierarquias e com os discursos que se instauram dentro e fora da instituição, uma vez que tais discursos penetram no mais íntimo de suas ações.

Segundo Décio (1977, p. 59) “Virgílio Ferreira estabelece com *Manhã Submersa* um libelo contra a orientação religiosa mal concebida, aquela que vai contra a liberdade e contra, portanto, o direito de opção”. O autor auxilia-nos à compreensão do romance em estudo, pois também destaca a forçosa orientação religiosa do personagem. No entanto, nesta narrativa, Virgílio atenta-se não somente para à obrigatoriedade aos votos religiosos, mas para toda uma estrutura de hierarquias que são estabelecidos em sociedade. Dessa forma, Ferreira utiliza o espaço como meio (e forma) não só de evidenciar os modos de funcionamento da relação dos sujeitos com as instituições sociais, como a família e a igreja, mas, também, para marcar as relações entre o espaço público e o privado, entre o espaço familiar e o social. Estas relações, entre o discurso familiar e religioso, comandam a vida do protagonista e determina o seu comportamento. Nem Antônio, nem o restante dos

seminaristas saem imunes das disciplinas depreendidas do espaço sagrado que, como vimos não recebe conotação de sacro por parte da família, nem tampouco pelo personagem.

A sexualidade dos meninos, que agora começam a adentrar nos caminhos da adolescência, também é vigiada. Os seminaristas são convidados a ocupar o pensamento com estudos e orações, a manterem as mãos o mais longe possível do corpo e, assim, silenciar os desejos sexuais:

Nada de mão nos bolsos, nada de encostos. Procurar posições incômodas, quando preciso. Mãos fora da cama, sendo possível. De qualquer modo, nunca as encostar ao corpo. Ocupar o espírito com os estudos ou com pensamentos piedosos. Não dormir de roupa chegada. Usar ceroulas folgadas (FERREIRA; 1980, p. 127).

A doutrinação do corpo passa pelo terreno da sexualidade. Para um corpo doutrinado faz-se necessário podar seus desejos e vontades próprias, para, então, criar um outro, com novas vontades e aspirações, pois como afirmou Foucault, “um corpo disciplinado é a base de um gesto eficiente (FOUCAULT; 1987, p. 139). Estas formas de vigilância em torno da sexualidade, não se dão de forma isolada, elas sobrepõem-se à outras maneiras disciplinares que, juntas, são responsáveis por produzir um corpo obediente.

As palavras dos doutrinadores, porém, não silenciam a fúria do corpo do adolescente. Antônio instala-se serenamente nos desejos infalíveis da carne, na incansável excitação de seu corpo: “assim, uma excitação infatigável comia-me agora a todo o instante” (FERREIRA; 1980, p. 135). A relação de intimidade com os desejos sexuais lhe custa caro. O menino logo é punido, suas notas comportamentais baixam, chegando mesmo a sofrer castigos físicos, ação comum aos que não cumpre o regulamento normativo da instituição religiosa.

O controle dos gestos, do comportamento, da sexualidade dos seminaristas revelam-se como formas discursivas de poder. Um poder que é disciplinar, que penetra o corpo e que o faz sujeitar-se aos comandos que emanam do espaço do Seminário. Mas é também um poder que não se dá isoladamente neste espaço, ele estende-se à casa da mãe adotiva e da mãe biológica de Antônio, de modo que nem mesmo no espaço familiar o personagem está imune dos discursos de coerção. Foucault, acrescenta: “o poder disciplinar tem por correlato uma individualidade não só analítica e celular, mas também natural e orgânica” (FOUCAULT; 1987, p. 141). Quer-se um corpo naturalmente obediente, disciplinado e em comum acordo às formas de controle do espaço público ou privado.

Ao privilegiar, a construção de espaços que revelam-se como limitadores das performances dos agentes literários da narrativa, Virgílio evidencia, talvez, o limite tênue entre sujeito e estruturas sociais, às quais encontra-se intimamente ligado, seja por livre vontade ou por obrigatoriedade do convívio em sociedade.

O seminário, a casa de D. Estefânia e a casa da mãe biológica do menino não são espaços que acolhem e que dão a Antônio a sensação de estabilidade, de conforto ou segurança. Mas, ao contrário, são espaços que limitam, doutrinam, vigiam e silenciam a criança. Porém, o narrador nos fala de um espaço que é acolhedor e que lhe traz liberdade: a montanha, que fica a oriente da aldeia de Castanheiras. O trecho a seguir exemplifica isso:

Inesperadamente, por entre a minha dor, eu descobria em mim o aceno de um passado. Era a grande montanha a oriente, a sua liberdade espacial, era o bafo quente de um amor perdido, a flor original de uma alegria morta. E então voltei para lá a minha face molhada, e tudo em mim disse adeus longamente (FERREIRA; 1980, p. 13).

A montanha é o local da estabilidade, do acolhimento, da alegria, do retorno às origens. Ela aparece com frequência pelo texto ficcional e, ao relembra-la, as memórias do narrador-personagem são sempre positivas. Ao contrário dos demais espaços que comportam memórias de aprisionamento, a montanha desperta em Antônio lembranças de liberdade. Este lugar representa a própria liberdade espacial do protagonista, pois é o espaço em que o personagem deseja estar. O espaço interno do Seminário e o espaço externo da montanha não se mesclam, mas, parece, antes, ser espaços antagônicos. O primeiro é a própria escuridão, o sofrimento, a angústia, o segundo, a clareza, a luz do dia e a alegria.

O Seminário, a casa, a montanha são espaços que evocam formas de relacionamento, comportamento e sentimento no personagem e, nesse sentido, estes espaços transfiguram-se e revelam-se como espaços de doutrinação, vigilância e liberdade. Desta forma, para captarmos a totalidade do texto de Virgílio, faz-se necessário atentar-se para a simultaneidade dos espaços apresentados no romance, pois como afirmou Brandão, “espaço é sinônimo de simultaneidade e é por meio dessa que se atinge a totalidade da obra” (BRANDÃO; 2013, p. 61). É a partir da compreensão das relações espaciais que o leitor apreende as significações da narrativa. Estes espaços relacionam-se criando interação com as demais partes da narrativa para então conceber o espaço total, que é o espaço da obra.

Referências

- FERREIRA, Virgílio. *Manhã Submersa*. Portugal: Livraria Bertrand: 1980.
- LINS, Osman. *Lima Barreto e o Espaço Romanesco*. São Paulo: Ática, 1976.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do Espaço*. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. 2º edição. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- DIMAS, Antônio. *Espaço e Romance*. 1º edição. São Paulo: Ática, 1985.
- DÉCIO, João. *Virgílio Ferreira: a ficção e o ensaio*. São Paulo: Século XXI – Livros, 1977.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Tradução de Lúcia M. Pondé Vassallo. Petrópolis: Vozes, 1987.
- XAVIER, Elódia. *A casa na ficção de autoria feminina*. Florianópolis: Mulheres, 2012.
- BRANDÃO, Luis Alberto. *Teorias do espaço literário*. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte, MG: FAPEMING, 2013.